

*“Um thriller especial,
habilmente escrito,
totalmente autêntico.
Impossível parar de ler.”*

SHARI LAPENA

O QUE FAZEMOS NAS SOMBRAS

JENNIFER HILLIER



FARO
EDITORIAL

JENNIFER HILLIER

O QUE FAZEMOS NAS SOMBRAS

Tradução de
Maria José Silveira e Felipe Lindoso

 **FARO
EDITORIAL**

Para Mox

*you are my light of the sun
and the air I breathe
the reason for it all*

9 PARTE UM

61 PARTE DOIS

147 PARTE TRÊS

203 PARTE QUATRO

237 PARTE CINCO

267 PARTE SEIS

283 AGRADECIMENTOS

PARTE UM

*Ela pode matar com um sorriso,
e pode ferir com os olhos.*

— Billy Joel

1

EXISTE HORA E LUGAR PARA OS FARÓIS ACESOS ficarem marcados sob a blusa, mas o banco de trás de um carro da polícia de Seattle não é um deles.

Paris Peralta nem pensou em pegar um casaco antes de ser presa, de modo que só está vestindo uma regata manchada de sangue. Afinal, é verão. Mas o ar-condicionado está no máximo, e ela se sente gelada e exposta. Com os punhos algemados, só consegue apertar as mãos e levantar os antebraços para cobrir os seios. Parece que está rezando.

Ela não está rezando. É tarde demais para isso.

Sua cabeça lateja por baixo do curativo que alguém da equipe de emergência fez nela antes que a enfiassem na viatura. Ela deve ter batido a cabeça na beira da banheira em algum momento da noite passada, mas ela não se lembra de ter tropeçado ou caído. Só consegue se lembrar de seu marido deitado em uma banheira cheia de sangue, e o grito que a acordou cedo de manhã.

A detetive de cabelos loiros presos em um rabo de cavalo que dirige a viatura mais uma vez olha Paris de relance pelo espelho retrovisor. Desde que Jimmy assinou o contrato de *streaming* com a Quan, nova concorrente da Netflix, seis meses antes, as pessoas a encaravam muito. Paris odeia isso. Quando ela e Jimmy se casaram, ela contava com uma vida calma com o ator comediante aposentado. Era o acordo que os dois tinham feito; era o casamento com o qual havia se comprometido. Mas então Jimmy mudou de ideia e se desaposentou, e isso foi a pior coisa que ele poderia fazer com ela.

E agora ele está morto.

A detetive fica o tempo todo alerta, a cada poucos minutos de olho ora na estrada, ora no banco traseiro. Paris já percebeu que a mulher pensa que foi ela quem fez aquilo. Tudo bem, a situação é mesmo muito ruim. Havia muito sangue, e quando a detetive chegou à cena, já havia três policiais no quarto com as armas apontadas direto para Paris pela porta do banheiro. Logo, quatro pares de olhos a encaravam como se ela tivesse feito algo terrível. Parecia que ninguém piscava nem respirava, incluindo ela.

— Sra. Peralta, por favor jogue a arma no chão — a detetive havia dito. Sua voz estava calma e firme enquanto sacava a pistola. — Depois saia do banheiro devagar e com as mãos para cima.

Mas eu não tenho nenhuma arma, pensou Paris. Era a segunda vez que lhe diziam para fazer aquilo e, assim como antes, não fazia sentido. *Que arma?*

Então os olhos da detetive se voltaram para baixo. Paris acompanhou o olhar e ficou chocada ao descobrir que ainda estava segurando a navalha de Jimmy. E não apenas segurando, mas agarrando-a com a mão direita, seus dedos apertados em volta do cabo, as articulações brancas. Ela levantou a navalha, fitando-a espantada enquanto a girava em sua mão. Os policiais não gostaram daquilo, e a detetive repetiu a ordem, com um tom mais alto e mais firme que antes.

Aquilo tudo era tão absurdo. Todos estavam exagerando. Paris não estava segurando arma nenhuma. Era simplesmente um barbeador, uma das várias navalhas que Jimmy tinha, porque seu marido era um tipo antiquado, que gostava da barba raspada, e fitas cassete, e telefones fixos. Ele não estava nem mais usando suas navalhas. O tremor em sua mão as tornara perigosas.

Então por que diabos Paris ainda estava segurando a navalha de cabo de ébano que ele comprou na Alemanha havia décadas?

Tudo aconteceu em câmera lenta. Enquanto a detetive continuava falando, Paris viu mais uma vez o sangue espalhado sobre o piso de mármore, um tom rosado diluído, misturado com a água do banho. Era o sangue de Jimmy, e ela sabia que se virasse para trás veria seu marido, submerso na banheira funda na qual seu sangue se esvaiu na noite anterior.

Paris não se virou. Mas conseguiu ter um vislumbre de si mesma no espelho acima da pia, no qual viu uma mulher que se parecia com ela usando uma regata manchada de sangue. Seus cabelos estavam emaranhados e seu olhar era selvagem, um lado do rosto coberto de sangue que escorrera de um corte acima de seu olho direito. Em suas mãos, a velha navalha de Jimmy realmente parecia uma arma.

A arma de um *assassinato*.

— Sra. Peralta, solte a navalha — ordenou novamente a detetive.

Paris finalmente a deixou cair. A lâmina de aço aterrissou no ladrilho com um baque seco, e os policiais uniformizados foram para cima dela como um enxame. Um deles colocou as algemas nela, e a detetive a informou sobre seus direitos. Enquanto a tiravam do quarto e desciam as escadas, Paris se perguntou como poderia explicar isso.

Anos atrás, a última vez que isso aconteceu, ela não teve que explicar nada.

— Desculpa, mas você poderia diminuir o ar-condicionado? — Seus mamilos estão pressionando seus braços, como se fossem bolinhas de aço. Apesar de ela morar há vinte anos em Seattle, seu lado canadense não conseguia perder o hábito de se desculpar antes de pedir alguma coisa. — Desculpa, mas realmente aqui atrás está muito frio.

O policial no assento de passageiro aperta um botão no painel várias vezes até o ar frio diminuir.

— Muito obrigada — ela diz.

O policial se vira:

— Podemos fazer mais alguma coisa pra você? — pergunta. — Quer uma balinha? Quer parar pra tomar um café?

Ele não está realmente perguntando, e então ela não responde.

Paris compreende, em algum nível, que está em choque e que ainda não teve compreensão total de sua situação. Pelo menos seus instintos de autopreservação já despertaram — ela sabe que foi presa, sabe que vai ser fichada e sabe também que tem de manter a boca fechada e chamar um advogado na primeira oportunidade. Ainda assim, sente-se como se estivesse em um filme em que alguém que se parece com ela está prestes a ser indiciada como assassina.

O sentimento de *dissociação* — uma palavra que aprendeu ainda criança — é algo que acontece com ela sempre que se encontra em uma situação de extremo estresse. Dissociação era a maneira a maneira que sua mente tinha de se proteger dos traumas que afligiam seu corpo. Mesmo que não seja esse o caso no momento, o distanciamento entre seu cérebro e sua estrutura física tende a acontecer sempre que ela se sente vulnerável e insegura.

Nesse instante, a vida que ela conhece — a vida que ela construiu — está sendo ameaçada.

Mas Paris não pode sair flutuando. Ela precisa estar focada para conseguir passar por isso, então se concentra em sua respiração. Como sempre diz a seus alunos de ioga, não importa o que esteja acontecendo, você sempre pode se concentrar na sua respiração. Contraíndo um pouco da garganta, ela inspira vagarosa e profundamente, segura um pouco e depois expira. Isso provoca um som levemente sibilante, como se estivesse embaçando a janela do carro, e o olhar da detetive mais uma vez se fixa nela pelo retrovisor.

Depois de algumas respirações oceânicas de ioga — respirações *ujjayi* —, Paris sente que suas ideias estão mais claras, mais presentes, e ela tenta processar como diabolos acabou no banco de trás de um carro de polícia, a caminho da cadeia. Ela já viu TV o suficiente para saber que a polícia sempre presume ter sido o marido ou a esposa. É claro que não ajudou nem um pouco que Zoe, a assistente de Jimmy, tenha apontado o dedo para ela e gritado até ficar rouca. *Ela assassinou ele, ela assassinou ele. Meus deus, ela é uma assassina!*

Eles acham que ela matou Jimmy.

Agora o resto do mundo vai acreditar nisso também, porque é isso que parece quando você é retirada de sua casa algemada e com sangue em suas roupas, quando as notícias sobre a morte do seu marido famoso ecoam na multidão, que bate fotos e grava vídeos de sua prisão. A ironia é, a multidão já estava convenientemente posicionada do lado de fora de sua casa bem antes que Zoe chamasse os tiras. Paris e Jimmy moram na Queen Anne Hill, em frente à rua que sai de Kerry Park, que ostenta a melhor vista de Seattle. É um lugar popular para moradores e turistas tirarem fotos do perfil da cidade e do Mount Ranier. E a multidão de hoje era como a de qualquer dia, só que as câmeras estavam apontadas para a sua casa em vez da paisagem. E assim como não houve tempo para vestir outra blusa, também não houve oportunidade de calçar outros sapatos. Paris ouviu alguém gritando “Belos chinelos!” logo que ela saiu, mas não parecia um elogio.

Os vizinhos estavam todos do lado de fora também. Bob e Elaine, da casa ao lado, estavam na saída da garagem, uma expressão de choque e horror estampada no rosto de

ambos quando a viram. Já que não haviam chamado ou oferecido qualquer tipo de ajuda, já deviam ter ouvido o que tinha acontecido. Já deviam pensar que Paris é culpada.

E supostamente eram seus amigos.

Ela já pode imaginar as manchetes. JIMMY PERALTA, O PRÍNCIPE DE POUGHKEEPSIE, ENCONTRADO MORTO AOS 68. Ainda que a popular série de Jimmy, que esteve no ar por dez anos, já tenha sido encerrada há duas décadas, ele seria para sempre lembrado por seu papel principal como o filho do dono de uma padaria em *The Prince of Poughkeepsie*, que ganhou mais de uma dúzia de Emmys e impulsionou sua carreira ao topo, até ele se aposentar sete anos atrás. Paris nem precisava ser publicitária para prever que a notícia da morte de seu marido teria ainda mais repercussão que o negócio multimilionário que Jimmy assinara com o Quan quando decidiu voltar às telas. Até Paris consideraria isso como notícia quente se não estivesse acontecendo com ela.

Ela continua focando em sua respiração, mas sua mente recusa a se acalmar. Nada disso parece estar certo. Mesmo que não tivesse ilusões de que ela e Jimmy envelheceriam juntos, ela pensava que teriam mais tempo. Durante os dois anos que passaram casados, haviam estabelecido uma rotina simples. Paris trabalhava em seu estúdio de ioga seis dias por semana, e Jimmy sempre tinha algo para fazer. Mas os domingos eram os dias que passavam juntos. Tinham um almoço relaxado e preguiçoso em um restaurante próximo, no qual o proprietário sempre reservava para eles uma mesa perto da janela. Panquecas e bacon para Jimmy, waffles com morangos para Paris. Depois disso podiam ir ao mercado de produtores em Fremont ou até Snohomish para procurar alguma antiguidade. Na maioria das vezes, entretanto, voltariam para casa, onde Jimmy praticaria um pouco de golfe no jardim enquanto ela ficaria lendo algum livro ao lado da piscina.

Mas esse não é um domingo normal. É a porra de um pesadelo. Paris deveria saber que terminaria assim, porque não existe isso de ser feliz para sempre quando se foge de uma vida para começar outra completamente nova.

O carma dela havia começado.

Uma pluma do chinelo ridículo coça seu pé. Quando ela os ganhou de presente de aniversário um mês antes — não seu aniversário de verdade, e sim o que aparecia em seu documento de identidade —, eram engraçados e bonitinhos. Todos os instrutores do estúdio tinham se juntado para comprar para ela um chinelo de design italiano realmente caro, feito com penas rosadas de avestruz. Supostamente deveriam ficar no estúdio para que ela tivesse o que calçar entre as aulas, mas ela não pôde resistir a levá-los para casa para mostrá-los a Jimmy. Ela sabia que ele iria rir, o que de fato aconteceu.

Mas agora esses chinelos não têm a menor graça. Apenas reforçam a narrativa que a imprensa sempre tentava criar, a de que Paris era uma idiota rica e presunçosa. Ela havia conseguido permanecer longe dos holofotes por dezenove anos, desde que escapara de Toronto, só para ver tudo se desfazer quando Zoe, a fiel assistente de Jimmy, incluiu uma foto do casamento deles no comunicado de imprensa sobre o contrato de *streaming*. Zoe não conseguiu entender a razão de Paris ficar tão

transtornada, mas até aquele dia a maioria das pessoas nem sabia que Jimmy Peralta havia se casado novamente. Paris vivia um feliz anonimato com seu marido aposentado, e então tudo virou um inferno.

Como diria Zoe, a perspectiva é terrível. Paris era a quinta esposa de Jimmy e quase trinta anos mais nova que ele. A questão da idade nunca foi problema para Jimmy — e por que seria? —, mas fazia Paris parecer uma oportunista vagabunda que só estava esperando que o marido morresse.

E agora ele está morto.

2

O GUARDA NA CADEIA DE KING COUNTY pede que ela entregue seu celular, mas Paris não está com ele. Pelo que se lembra, ele ainda está na mesa de cabeceira de seu quarto, na casa que agora é a cena de um crime.

— Todos seus objetos pessoais devem ser ensacados e colocados no depósito — informa. Como a detetive que a levava até ali, ele não parou de encará-la desde que ela entrou. — Isso inclui suas joias.

Tudo o que Paris tem consigo é sua aliança. Jimmy havia oferecido a ela também um anel de noivado, mas ela recusou, insistindo que jamais o usaria quando estivesse dando aula de ioga. Por fim, ele a convenceu a aceitar um anel de amor eterno incrustado com quinze sofisticados diamantes cor-de-rosa ovais. O preço era de surpreendentes duzentos e cinquenta mil dólares, mas o joalheiro ofereceu a Jimmy um desconto caso os dois se dispusessem a ter o anel fotografado para publicidade. Paris recusou isso também.

— Não quero essa publicidade — ela disse a Jimmy. — Fico perfeitamente satisfeita com um simples anel de ouro.

— Nem pensar numa porra dessas.

Jimmy teve uma rápida conversa com o joalheiro e colocou na mesa seu cartão Black. Como se tratava de Jimmy Peralta, ele acabou recebendo o mesmo desconto, de qualquer forma.

— Paris Peralta. — O guarda pronuncia seu nome com um sorrisinho pretensioso enquanto digita no teclado, estendendo-se nas sílabas. *Paaarrrrissss Peraaaalta*. — Minha mulher mal vai acreditar quando eu contar quem registrei hoje. Ela era uma grande fã de *The Prince of Poughkeepsie*. Eu mesmo jamais gostei do programa. Sempre achei Jimmy Peralta um idiota.

— Tenha um pouco de respeito, policial. — A detetive está de pé ao lado dela, como se achasse que havia a possibilidade de Paris fugir. Ela balança a cabeça, e a ponta de seu rabo de cavalo toca no braço despido de Paris. — O sujeito está morto.

Paris tira a aliança do dedo e a passa pela abertura do guichê. A seu lado, escuta a detetive murmurar para si mesma “Nossa, é cor-de-rosa”. O atendente examina o anel de perto antes de fechá-lo em um pequeno saco plástico. Depois, joga-o dentro do recipiente de plástico, onde ele cai com uma batida audível.

Ela se retrai internamente. *O valor desse anel, pensa Paris, é provavelmente o triplo do que você ganhou ano passado*. Por fora, ela mantém a compostura. Não vai dar a ninguém uma história que possa ser vendida para os tabloides. Em vez disso, ela o

encara através do guichê de plástico manchado. Como previu, ele não passa de um covarde, e seu olhar volta para o computador.

— Assine aqui. — Ele empurra o recibo do conteúdo pela abertura. Há apenas um item. *Anel, diamantes, cor-de-rosa*. Paris rabisca sua assinatura.

Outro policial sai de trás da mesa e espera ansioso. A detetive se volta para Paris. Ela provavelmente se apresentou no momento da prisão, mas Paris agora não se lembra de seu nome, se é que escutou antes.

— Vamos precisar de suas roupas — diz a detetive. — Chinelos também. Eles vão te entregar alguma coisa para vestir. Então eu volto e falo com você, o.k.?

— Gostaria de ligar para meu advogado — retruca Paris.

A detetive não se surpreende, mas parece ficar desapontada.

— Você poderá fazer isso depois do procedimento de entrada.

Uma campainha toca, e Paris é levada por um conjunto de portas até uma salinha bem iluminada. É avisada de que deve tirar suas roupas no canto, atrás de uma cortina azul. Ela rapidamente se despe, removendo tudo, salvo a roupa de baixo, e veste o moletom, as calças, meias e o chinelo de borracha que lhe deram. É um alívio livrar-se das roupas ensanguentadas e pisar em um calçado que não parece um brinquedo de gato. Tudo está marcado com as letras **DOC**.

Depois colhem suas digitais, e ela é fotografada. Seus cabelos estão emaranhados, mas é improvável que consiga uma escova. Olha de frente para a câmera e levanta o queixo. Jimmy uma vez disse que era praticamente impossível não parecer criminoso na foto tirada para a ficha criminal. Ele sabia disso. Foi preso duas vezes por dirigir depois de beber e uma terceira vez por empurrar uma pessoa que o vaiou depois de uma apresentação em Las Vegas. Nas três fotografias ele realmente parecia um criminoso.

Terminado o registro, ela é conduzida para um elevador que desce rapidamente um andar. O policial jovem que a escolta lança olhares furtivos na sua direção, mas não diz uma palavra até chegarem à cela de detenção. Com uma voz chiada (seguida por uma rápida tentativa de limpar a garganta), ele indica que ela entre. Logo que ela pisa ali dentro, as grades são fechadas e trancadas.

E assim, Paris está na prisão.

É ao mesmo tempo melhor e pior do que ela imaginava, e ela imaginou isso muitas vezes. É maior do que esperava, e há apenas mais uma pessoa ali dentro, uma mulher que parece desmaiada no lado oposto da cela. Uma perna despida está pendurada de um dos cantos do banco, e a sola desse pé descalço está suja. O vestido apertado da cor de um amarelo-neon está coberto de manchas de alguma substância indeterminada, mas pelo menos ela não fora obrigada a trocar de roupa. Seja lá a razão de ela estar detida, não é por assassinato.

Ainda que a cela aparente estar limpa, a luz crua de lâmpadas fluorescentes mostra manchas do que recentemente foi limpo com pano úmido. Baseado no cheiro que ainda está impregnado ali, era uma mistura de urina com vômito. As paredes parecem pegajosas e estão cobertas com uma tinta da cor suja de chá fraco, e há uma câmera posicionada em um canto do teto.

No fundo da cela, bem ao lado do telefone pregado na parede, há um papel plastificado listando os telefones de três diferentes empresas de fiança. Com um pouco de sorte, Paris não irá precisar delas. Ela pega o telefone e digita um dos poucos números de telefone que havia memorizado. Atenda, atenda, atenda.

Correio de voz. *Merda*. Ela escuta sua própria voz encorajando-a a deixar uma mensagem.

— Henry, é Paris — ela diz em voz baixa. — Vou tentar ligar no seu celular. Estou com problemas.

Ela desliga, espera o som de linha e liga para o segundo número que sabe de cor. Esse também cai na caixa postal. Ali perto, sua colega de cela se senta, os cabelos engordurados caindo pelo rosto oleoso. Ela olha Paris com os olhos de guaxinim, turvos e manchados de rímel.

— Conheço você. — A voz dela é grossa e arrastada. Mesmo de longe, Paris pode sentir seu cheiro, um aroma como o de comida apodrecida em uma destilaria de uísque. — Já vi você antes. Você é tipo uma pessoa famosa.

Paris finge não escutar.

— Você é aquela garota que se casou com aquele velhote. — A mulher pisca, tentando focar a visão. Quando Paris não responde, ela diz: — Ah, então tá, saquei, você é a porra de uma princesa, boa demais pra falar comigo. Bem, foda-se, princesa. — E volta a se deitar. Dez segundos depois seu rosto relaxa e a boca se abre.

Um relógio está pendurado na parede na frente da cela, e Paris espera exatamente quatro minutos e meio antes de pegar novamente o telefone. Desta vez, alguém imediatamente atende o telefone.

— Ocean Breath Yoga.

— Henry. — O alívio inunda Paris quando escuta a voz de seu sócio. — Graças a deus.

— Puta merda, P., você está bem? — A voz de Henry está cheia de preocupação. — Acabei de saber da morte do Jimmy. Ah, querida, sinto tanto. Não consigo acreditar que...

— Henry, eles me prenderam. — Ela nem consegue acreditar que disse isso. — Estou em uma cela da cadeia de King County.

— Eu assisti à prisão. É um absurdo tão grande...

— Você viu? Está no noticiário?

— No *noticiário*? Querida, está no TikTok. — Ela escuta algum ruído no fundo e depois o barulho de uma porta se fechando, o que significa que Henry levou o telefone sem fio para o escritório. — Um dos turistas no parque filmou sua prisão e postou. Já é o número um dos vídeos em alta.

É claro que não é surpresa, mas ouvir Henry dizer isso torna a coisa ainda mais real. Paris engole o pânico e se força a lembrar que terá muito tempo depois para desmoronar.

— Henry, escute. Preciso que você ligue para Elsie Dixon por mim.

— A amiga de Jimmy? A advogada que vive cantando sucessos nas suas festas?

— Essa mesma. Não estou com meu celular, não lembro o número dela.

— Vou pesquisar o número do escritório.

— Ela não está lá, é domingo. Mas se você procurar na escrivaninha, pode ser que ache um cartão de visitas com o celular. Peça que ela venha imediatamente até a cadeia, está bem?

— Não estou vendo nenhum cartão. — Paris escuta Henry revirando as gavetas.

— Não se preocupe, vou encontrar uma maneira. Pensei que ela cuidasse de litígios...

— Ela começou a carreira como defensora pública — diz Paris. — E é a única advogada que conheço.

— Meu deus, P. ! — exclama Henry, soando realmente espantado. — Não acredito que você esteja presa. É como nos filmes?

Ela olha ao redor.

— Mais ou menos. Mais deprimente.

— Posso levar alguma coisa pra você? Um travesseiro? Um livro? Uma chave de fenda afiada?

Ele tenta fazê-la rir, mas o melhor que ela consegue fazer é suspirar.

— Adoro você. Só encontre Elsie pra mim, tá bem? E talvez você possa avisar os instrutores do que está acontecendo.

— P., estão dizendo... — uma pausa. — Estão dizendo que você matou Jimmy. Sei que isso não é possível. Conheço você. Você não é uma assassina.

— Obrigada — diz Paris, e depois de se despedirem eles desligam.

Henry sempre foi um amigo compreensivo, e é leal até o último fio de cabelo. Mas não a conhece realmente.

Ninguém conhece.

3

GRAÇAS ÀS MARAVILHAS DA ADAPTAÇÃO SENSORIAL, Paris não sentia mais os vários odores que a assaltaram logo que entrou na cela. Infelizmente, não pode dizer o mesmo quanto aos ruídos.

Ela se senta no banco com as mãos no colo, fazendo o melhor que pode para ignorar os roncões de sua companheira de cela misturados com os sons variados que barulhos variados que vêm das outras celas. Tudo vai terminar bem. Elsie logo estará ali, e vai saber exatamente o que fazer, porque Elsie Dixon é advogada, e é isso que os advogados fazem.

Só que Elsie não era simplesmente uma advogada. Era também a melhor amiga de Jimmy. Os dois haviam se conhecido no colegial cinquenta anos atrás, o que torna a amizade entre eles onze anos mais velha do que Paris. Não há dúvidas sobre a lealdade de Elsie ser a ele, e se ela acredita que existe a menor chance de Paris ter assassinado seu querido amigo, não vai aparecer hoje, nem jamais.

Ela tem esperança de que Elsie apareça.

Enquanto isso, não há nada a fazer a não ser esperar. E sem telefone ou um livro para se distrair, tudo o que lhe resta é pensar. E quanto mais ela pensa, mais a dor pela morte de Jimmy tenta abrir caminho dentro dela. Paris não quer sentir isso. Nem ali, nem agora, porque não sabe como sentir a profundidade de sua dor e também se salvar da confusão em que está metida. Ela fecha os olhos. Mesmo que não tenha assassinado seu marido, definitivamente é o que parece.

O que ninguém parecia acreditar é que Paris na verdade amava muito Jimmy. Não era necessariamente amor *romântico*, e é isso que incomoda as pessoas. Aparentemente, casamento é só para quem está perdidamente apaixonado por uma pessoa de quem nunca se cansa e sem a qual não consiga viver. Por essa definição, o que ela e Jimmy sentiam não seria realmente considerado amor. Os dois sempre estiveram com os pés bem plantados no chão. Provavelmente, eles passavam mais tempo separados do que juntos. E evidentemente poderiam viver um sem o outro. Fala sério. Jimmy viveu muito bem por sessenta e cinco anos antes de conhecer Paris, alcançando um nível de sucesso que a maior parte dos comediantes jamais conseguiria. Paris tinha trinta e seis anos quando conheceu Jimmy, e estava vivendo bem por conta própria. Ela tinha uma alma antiga, ele era jovem de coração. O relacionamento dos dois funcionava.

No entanto, o que todos podiam ver — a imprensa, os amigos de Jimmy e especialmente Elsie — era a diferença de vinte e nove anos entre os dois.

— Formamos um bom par, não acha? — Jimmy comentou com ela em uma quarta-feira qualquer. Eles já vinham se encontrando havia cerca de nove meses. — Você já pensou em se casar?

— Com quem?

— Comigo, sua boba.

Ela quase se engasgou com o sanduíche de pastrame que os dois almoçavam. Jimmy não conseguia comer um sanduíche que não tivesse carne de charcutaria.

— Você está me pedindo em casamento?

— Acho que sim.

Não era romântico. Jimmy não levava jeito para isso, nem ela. Eram dois adultos tomando uma decisão de passar a vida juntos. E isso era o suficiente para os dois. Eles se casaram em Kauai três meses depois, ao pôr do sol, em uma cerimônia íntima na praia. Um bom amigo de Jimmy, um dos grandes diretores de Hollywood cuja esposa era mais jovem que Paris, levou o pequeno grupo em seu jato Gulfstream. Elsie também estava lá — ela compareceu sozinha, já que nunca encontrou alguém especial depois que seu segundo casamento terminou havia uma década —, também estavam Henry e seu parceiro de muitos anos, Brent. Bob e Elaine Cavanaugh, os vizinhos do lado, também foram convidados. E, é claro, Zoe.

Só pensar na assistente de cabelos crespos de Jimmy faz com que Paris queira esfaquear alguma coisa.

— Peralta, sua advogada está aqui.

Ela abre os olhos e vê o mesmo guarda jovem destrancando e abrindo a cela. De alguma maneira, já tinham se passado três horas. Considerando que a amiga mais antiga de Jimmy mora a apenas vinte minutos do tribunal, Elsie realmente não havia se apressado para chegar.

Mas pelo menos está ali. E o guarda disse *sua advogada*, dando-lhe esperanças de que Elsie esteja lá para ajudá-la.

— Garza — o guarda quase grita. Ao ouvir seu nome, a colega de cela de Paris desperta de novo. — Pagaram sua fiança. Vamos.

Bocejando, a mulher se levanta e acena para Paris. Suas unhas estão pintadas de amarelo, tal como seus tênis e vestido. Ainda parece bêbada e quase colide com Elsie, que se afasta bem a tempo. Elsie franze o nariz com o cheiro da mulher.

— Tchauzinho, princesa — ela diz por cima do ombro antes de desaparecer pelo corredor.

Finalmente permitem que a advogada entre. Elsie Dixon mede apenas um metro e meio, mas tem a personalidade de alguém com um metro e oitenta. Seus cabelos grisalhos são cortados em estilo Chanel, até a altura do queixo, e ela está vestida como se estivesse a caminho de um brunch de senhoras — se o brunch fosse em um cruzeiro tropical. Seus escarpins cor-de-rosa combinam com a blusa drapeada e saia floral, e um grosso colar de turquesas complementa seus olhos azuis. É o seu estilo normal de se vestir.

Os olhos de Elsie estão inchados e vermelhos. Ela não cumprimenta nem pergunta a Paris como ela está. Apenas dá um piparote numa sujeira antes de se sentar no banco.

— Pedi uma sala de reuniões, mas estão todas ocupadas. — A mulher mais velha fala com rapidez. — Então temos que conversar aqui. Mesmo estando a sós, mantenha a voz baixa e a cabeça baixa o tempo todo. Nunca se sabe quem está ouvindo.

— Obrigada por ter vindo — diz Paris em voz baixa.

Elsie não responde. Abre a bolsa e tira de lá um bloco pautado, seus óculos de leitura, uma caneta elegante com o nome de sua firma gravado com letras douradas em um dos lados. Elsie é sócia na Strathroy, Oakwood, and Strauss, e ainda que não esteja mais atuando na área de defesa criminal, já trabalhou nisso. O início de sua carreira foi como defensora pública por alguns anos antes de passar para a advocacia privada. Agora, trabalha em litígios, e Jimmy sempre disse que ela é feroz no tribunal.

Paris não tem muita certeza de como Elsie pode ajudá-la nessa situação, mas está agradecida à advogada por pelo menos ter vindo. Ela sempre foi superprotetora com Jimmy e suspeitara de Paris no início. Na noite em que as duas se conheceram, Elsie perguntou de cara se a nova e muito mais jovem namorada de Jimmy estava nisso apenas para conseguir um *green card*. A mulher já estava na sua terceira taça de espumante na ocasião, mas mesmo assim.

— É como se nem ocorresse a ela que eu já sou cidadã dos Estados Unidos — Paris se queixou mais tarde a Jimmy.

— Elsie te perguntou porque está com ciúmes. — Jimmy tirou uma mecha de cabelos do rosto dela. — Para confessar tudo, ela e eu namoramos na época do ensino médio. Eu era o palhaço da classe e ela, a oradora da turma, e eu parti seu coração quando me mudei para Los Angeles depois da graduação. Ela nunca é simpática com qualquer namorada minha, no começo. Mas depois supera. Sempre.

Com o passar do tempo, Paris e Elsie aprenderam a se tolerar, especialmente quando descobriram que concordavam sobre duas coisas importantes: ambas se preocupavam com o retorno de Jimmy ao trabalho aos sessenta e oito anos de idade (ainda que por razões diferentes), e ambas culpavam Zoe inteiramente por isso acontecer. Se Paris conseguir que Elsie acredite que ela não matou Jimmy, ela poderá ter uma chance de todos os demais também acreditarem.

— Não matei Jimmy — por fim ela deixa escapar, incapaz de suportar por mais tempo o silêncio.

— Se eu achasse o contrário — responde Elsie calmamente —, não estaria aqui.

Paris solta a respiração, encostando na parede, aliviada. Mas seu cabelo encosta em algo pegajoso, e ela se endireita novamente.

Elsie clica a caneta, testa a tinta. Verifica seus óculos de leitura e usa a borda da blusa para limpar uma mancha. Suas mãos não deixam de se mover, como se canalizasse nelas tudo que sente, como se tivesse medo de ficar quieta, porque isso a obrigaria a processar que algo terrível aconteceu.

Porque de fato aconteceu.

— Elsie, eu sinto tanto...

— Não temos muito tempo, então falaremos sobre isso mais tarde, está bem? — Ao contrário de suas mãos, a voz de Elsie não vacila. — Agora, o que preciso é que você responda a todas as minhas perguntas do modo mais preciso que puder. Vamos nos encontrar com a detetive Kellog em dez minutos. Ela tentou interrogar você sem que eu estivesse presente?

— Pedi um advogado logo que vim parar aqui — diz Paris. — Elsie, Jimmy...

Elsie levanta a mão.

— Guarde isso pra mais tarde. Só me deixe fazer meu trabalho. Preciso que você responda a todas as minhas perguntas.

Paris se cala.

— Você falou com alguém desde que foi presa?

— Não.

— E desde que você chegou aqui?

— Não.

— E essa senhorita, a mulher que acabou de sair?

— Eu não disse nada a ninguém.

— Ótimo. — A voz de Elsie volta a ser rápida. — Está bem. Você foi presa como suspeita de assassinato, mas não existe uma acusação formal. O caso tem muita repercussão, assim eles não podem se permitir errar. Pelo que li no relatório da prisão, tudo o que eles têm é circunstancial. Você estava casada com Jimmy e morava naquela casa; é normal e esperado que você estivesse naquele banheiro e... tocasse em coisas. Agora, quero que você pense bem. Quando você descobriu que Jimmy estava morto?

— Na noite passada — diz Paris. — Eu havia acabado de chegar de Vancouver...

— A que horas?

— Hã, duas... talvez duas e meia da madrugada. Bem tarde.

— Você dirigiu ou veio de avião?

— Dirigi.

— Então você atravessou a fronteira por volta da meia-noite?

— É, foi por aí.

Elsie rabisca algo no bloco de notas.

— E depois?

— Quando cheguei em casa, notei que o alarme não estava ligado. Mas isso não é incomum, já que Jimmy muitas vezes não liga. Você sabe como ele é.

Elsie balança a cabeça sem olhar para cima.

— Subi logo para me preparar pra dormir. Jimmy sempre quer saber quando chego em casa, seja a hora que for, então fui pelo corredor até o quarto dele.

— Quarto *dele*?

— Sim, quarto dele.

Elsie levanta uma sobrancelha.

— Vocês dormem em quartos separados?

— Sim.

— Quando isso começou?

— Sempre fizemos assim — diz Paris. — Nenhum de nós dois dorme bem com outra pessoa na cama. Ele fica com calor, de modo que se mexe o tempo todo, e o menor movimento me acorda.

Jimmy ficaria mortificado se alguém mais soubesse dos arranjos dos dois para dormir, mas isso não era importante. O que ela acabou de contar para Elsie é verdade — ambos preferiam dormir sozinhos. Isso não queria dizer nada, mas as pessoas ficam dando significados para tudo.

— Então você entrou no quarto dele — prossegue Elsie. — A porta estava aberta ou fechada?

— Não me lembro.

— Pense.

Paris nunca havia visto Elsie na sua postura de advogada e, francamente, ela é um tanto assustadora. É difícil conciliar essa versão dela com a que Paris geralmente via. No aniversário de casamento de Paris e Jimmy, há um mês, ela estava com um vestido drapeado ao lado de um piano, com uma taça de vinho em uma mão e um microfone na outra, cantando “If Ever I Would Leave You”, do musical Camelot.

— A porta estava ligeiramente aberta — responde Paris. — Acho que não virei a maçaneta. Simplesmente empurrei.

— Continue.

— Vi que a luz do banheiro estava acesa...

— Espere, volte um pouco. A cama indicava que alguém havia dormido nela?

— Eu... — Paris para. — Nem olhei para a cama. Vi a luz do banheiro e fui direto pra lá.

— A porta do banheiro estava aberta ou fechada?

— Aberta até a metade. Quando cheguei perto, vi que ele estava na banheira.

— E o que, exatamente, você viu?

Paris respira fundo e fecha os olhos. Ela pode ver Jimmy deitado no banheiro. Usava um short e uma camiseta, a cabeça inclinada para um lado em um ângulo estranho. Seus olhos, abertos. Um braço estava dependurado da borda da banheira, que estava meio cheia de água vermelha. Só que não era simplesmente água. Era sangue. Muito sangue.

— Ele estava na banheira. — Sua própria voz soa distante para Paris. — Parecia que ele estava morto, mas eu não tinha certeza. Corri para perto dele e apertei seu pulso, e depois seu pescoço. Não havia pulso. A pele estava fria quando o toquei.

E havia gritos. Muitos gritos. Vindo dela.

Elsie fecha os olhos por um momento.

— Você sabe como ele morreu?

— Não, havia muito sangue na banheira para que eu pudesse ver.

— E então o que você fez?

— Tentei levá-lo.

Elsie ergue os olhos do bloco de notas.

— Por quê?

— Sei que não faz sentido, mas... eu não queria deixar ele ali. — Paris desvia o olhar. — Mas ele era pesado demais, e eu não conseguia agarrá-lo firmemente. Quando tentei levá-lo, ele escorregou e a água da banheira espirrou por todo lado, pelo chão, por cima de mim.

— Então o que você fez?

— Senti meu pé tocar em alguma coisa, e quando olhei pra baixo, percebi alguma coisa brilhante. Aí me inclinei pra pegar... e então devo ter escorregado, porque não me lembro de mais nada depois disso.

— O relatório diz que você bateu a cabeça.

— Acho que sim. — Paris toca no curativo em sua testa. — Só sei que, quando acordei, estava com a cara no chão, e o sol já havia saído. Tinha sangue por todo lado. Alguém gritava, e ouvi meu nome. Sentei e vi que havia policiais parados do lado de fora do banheiro. Quando tentei me levantar, os policiais imediatamente sacaram as armas.

— O relatório diz que você segurava uma navalha.

— Não percebi isso até que eles me disseram. — Paris olha para Elsie. — Um dos policiais disse “Sra. Peralta, ponha a arma no chão”, aí olhei pra baixo e vi a navalha na minha mão. Tentei explicar que aquilo não era uma arma, simplesmente era uma das navalhas de Jimmy, mas as palavras não saíram.

— O relatório diz que você estava agitando a navalha ao redor. — Elsie levanta uma sobrancelha. — A palavra que usaram foi *brandindo*.

— Pelo amor de deus, essa não era minha intenção. — Paris diz, impotente. — Entendo que provavelmente era isso que parecia. Minha cabeça estava estalando, e eu tinha dificuldades para ouvi-los porque Zoe não parava de gritar. Quando eles disseram “Solte a *navalha*”, soltei imediatamente. Mas eles ainda estavam me encarando, como se fosse alguém saída de um filme de terror. Foi então que eu me vi no espelho. Eu parecia a Carrie na festa de formatura.

— O que aconteceu em seguida?

— Um dos policiais mandou que eu me virasse lentamente. Ele me algemou, leu meus direitos. Quando eles me tiraram do quarto, Zoe estava no final da escada, ainda gritando comigo, perguntando como eu podia ter assassinado Jimmy. Então a detetive disse “Sra. Peralta, a senhora assassinou seu marido?”.

— E você disse...

— Eu disse “Não me lembro”.

Elsie suspira, as rugas de sua testa se aprofundando.

— Não foi a melhor escolha de palavras.

— Aquilo simplesmente saiu da minha boca. — Paris consegue perceber o desespero em sua própria voz. — Elsie, acho que Jimmy se matou. Sei que isso parece ser uma loucura, mas...

— Na verdade, não. — Elsie coloca a caneta sobre o bloco e enfrenta o olhar de Paris. — Eu só não pensei que ele tentaria novamente.

Paris escancara a boca.

— *Novamente?*

— Ele nunca contou pra você?

Não, ele jamais fez isso.

— Ele só me contou sobre as overdoses.

— Foi há muito tempo, cerca de um ano depois que *The Prince of Poughkeepsie* terminou. Pouco tempo depois que a mãe dele morreu. — Os olhos de Elsie estão úmidos. — Ele deixou um bilhete de suicídio e tudo o mais. Na verdade, não estou surpresa por ele não ter dito nada a você. Ele tinha uma vergonha profunda disso. Ficou uma semana hospitalizado. Conseguimos manter a imprensa longe disso. Foi... um período difícil.

— Eu não vi nenhum bilhete.

— Vou assegurar que a perícia procure. — É impossível ler o rosto de Elsie enquanto ela escreve notas no bloco. — Mas vou ser sincera com você, Paris. A coisa parece feia. Sem testemunhas ou um bilhete de suicídio, eles provavelmente podem montar um caso de assassinato. A artéria femoral dele foi cortada. Vão dizer que é um lugar fora do comum para ele se cortar, porque é mesmo.

Paris desaba.

— Mas temos algo bom do nosso lado — comenta Elsie, porém, antes que ela possa dizer a Paris do que se trata, o policial está de volta.

As duas mulheres olham quando a porta da cela novamente se abre.

— A detetive Kellog se reunirá com vocês na sala três — ele diz.

Elsie arruma sua pasta.

— Responda a todas as perguntas dela a menos que eu lhe indique o contrário. Nesse caso, você para de falar. Imediatamente.

— Entendi.

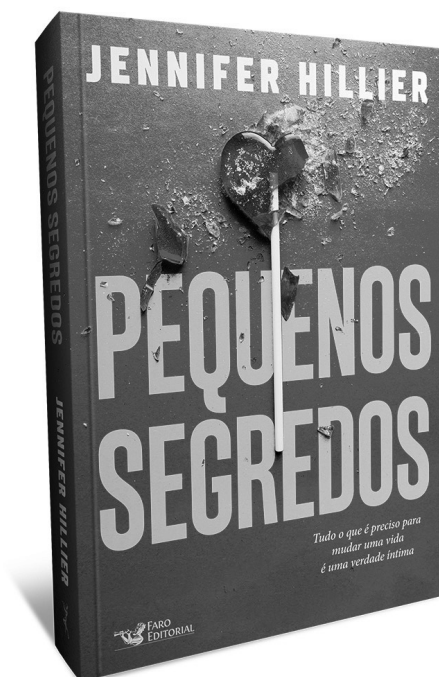
Enquanto seguem o policial pelo corredor, as mãos de Paris começam a tremer. Agora realmente ela começa a compreender. Jimmy está mesmo morto. Ele não estará em casa quando ela chegar. Não vai perguntar se estaria disposta a preparar qualquer coisa para o jantar, ou se ele deveria grelhar salmão ou um bife. Não irá mais beijar o topo de sua cabeça e dizer “Topo qualquer coisa que você queira, querida”.

O marido de Paris pode não ser o grande amor de sua vida — essa honra pertence a alguém que ela conheceu anos antes, numa vida diferente, quando ela era uma pessoa muito diferente —, mas Jimmy Peralta era o amor *desta vida*, a que ela construiu a partir das cinzas da antiga.

Ela abafa um soluço quando estão chegando à sala 3. Uma voz invade sua mente, indesejável como uma víbora que dá o bote nos piores momentos possíveis.

Você é absolutamente inútil. Pare de chorar antes que eu te dê outra surra e acabe com você.

LEIA TAMBÉM:



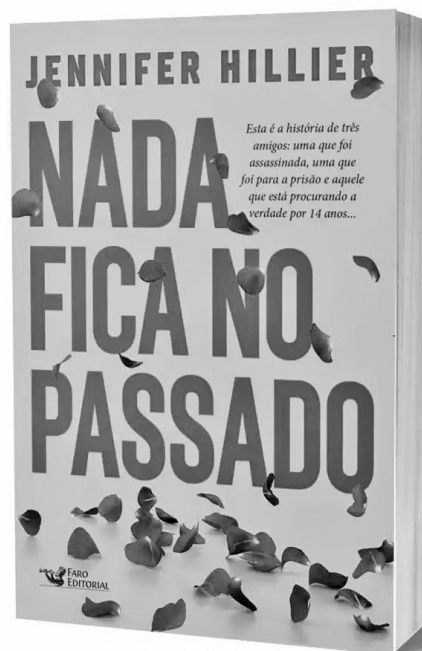
**TUDO O QUE É PRECISO PARA MUDAR UMA VIDA É
UMA VERDADE ÍNTIMA.**

Quatro minutos. Foi o tempo que um menino de quatro anos levou para desaparecer. Desde então, Marin Machado tem como único foco na vida descobrir o que aconteceu e reencontrar o filho.

Passado o período normal da investigação, e o arquivamento do caso pelo FBI, ela contrata uma detetive particular. Então Marin descobre que seu marido, Derek, está tendo um caso e que sua amante pode ter informações cruciais sobre o que realmente aconteceu naquele fatídico dia.

E quanto mais descobre sobre a jovem amante do marido — uma estudante endividada e influenciadora nas redes sociais —, mais ela se vê diante de revelações de segredos sombrios que precisa esclarecer. Mas nada é tão simples. Sem poder confrontar todas as partes, sem poder confiar em todas as informações que recebe, Marin embarca numa corrida contra o tempo em que a vida do filho pode depender disso.

Prepare-se para mergulhar em uma trama cheia de reviravoltas, na qual o perigo está à espreita em cada página e a busca pela verdade pode ter consequências devastadoras.



ESTA É A HISTÓRIA DE TRÊS AMIGOS: UMA QUE FOI ASSASSINADA, UMA QUE FOI PARA A PRISÃO E AQUELE QUE ESTÁ PROCURANDO A VERDADE POR 14 ANOS...

Por quanto tempo você consegue guardar um terrível segredo?

A garota mais popular da escola, Angela Wong, tinha apenas dezesseis anos quando desapareceu sem deixar vestígios. Até então, ninguém suspeitou que sua melhor amiga, Georgina, agora vice-presidente de uma grande empresa farmacêutica, estivesse envolvida em seu desaparecimento, exceto, Kaiser Brody, que se tornou detetive do Departamento de Polícia de Seattle e era colega das duas no ensino médio.

Catorze anos depois, os restos mortais de Angela são finalmente encontrados e a verdade vem à tona: Angela foi vítima de Calvin James, primeiro amor obsessivo de Georgina. Calvin, o serial killer, havia assassinado pelo menos outras três mulheres.

Durante todos esses anos, Geo sabia o que tinha acontecido com sua melhor amiga, mas guardou o segredo. Após Geo ir para a prisão, todos acharam que o caso havia sido solucionado. Mas o que aconteceu naquela noite é mais complexo e arrepiante do que qualquer um realmente sabe.

Então, o passado alcança o presente de forma mortal, quando novos corpos começam a aparecer, mortos exatamente da mesma maneira que Angela Wong.

Qual o limite de alguém disposto a enterrar seus segredos? Como uma grave mentira pode transformar uma vida? E quais são as consequências disso?

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM ABRIL DE 2024